

Oha! de par em par, as duas portas abro  
que deitam para o céu por teus olhos de sombra;  
e este mundo febril, este mundo macabro,  
já me não horroriza e já me não assombra.

É o céu! da Via Láctea o estranho candelabro  
fulge. Em tudo há fulgor e há carícias de alfombra;  
luz-me no teu olhar a lua o rosto glabro,  
nada o olhar me perturba ou a mente me ensombra.  
Só tristeza, entretanto, em teus olhos me mostras  
- tal se fossem a tumba em que os sonhos empedro  
como as perolas dentro à válvula das ostras; -  
e os cílios, - doce alpendre a cuja sombra medro,  
Como, neles, meu ser todo fechadas e prostras  
num círculo feral de casuarina e cedro!  
Emílio de Menezes, Olhos funéreos - V.

Emílio de Menezes, Olhos funéreos - V. - Manuel Bandeira, À beira d'água. - Félix Pacheco, Estranhas lágrimas.  
Grandes sonetos da nossa língua, selecionado e organizado por José Lino Grunewald, Editora Nova Fronteira, 1988.

A tiritar, nosso mundo  
levanta a gola do terno  
e, num gemido profundo,  
entra no reino do inverno.

Adélia Victória, 0008 Fanal:  
Rua Álvares Machado 22, 2º  
01501-030 - São Paulo/SP

O sol ergue, reverente,  
o véu cinza da neblina,  
e o morro, altivo, emergente,  
é o verde altar da campina.

Dorothy Jansson, 1008 Binóculo  
ivonildodias@secrel.com.br  
jbatista@unifor.br

Aquele que tem bom tino  
não se excede na paixão  
conduz sempre seu destino  
sem ouvir o coração.

João Batista Serra, 1108  
O Patusco: Caixa Postal 95  
61600-970 - Caucaia/CE

Se em sorrisos te iluminas  
vem em teus olhos juvenis  
cintilações cristalinas  
de dar inveja aos cristais.

Oscar Vieira Soares, 0708 Trovaregre  
Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301  
37550-000 - Pouso Alegre, MG

Há muita toga, manchada,  
que tem fedor, de carniça;  
vestida pela cambada,  
que desabona, a Justiça.

Pedro Grilo, 0908 Trinos  
do Pitigari: R.Guanabara 542  
59014-180 - Natal/RN

1. Preencher os haikus que desejar, (veja  
quigos ao lado, à escolha) num mínimo de  
folhas **para cada grupo (quando mais de  
um)**, com nome, endereço e assinatura.  
Despachá-la normalmente pelo correio e/ou  
e-mail com nome, **endereço** e **CEP**  
do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. À medida que chegarem seus haikus assim  
enviados e de **conteúdo abaixo**, serão  
publicados em nossas Seleções em Folha.

☆ **Paulo Franchetti**: O haicu é menos uma  
questão de forma do que de atitude. No

Brasil, sua métrica 5-7-5 é artificial. O exercício de sua  
prática é duplo. Por um lado, é um exercício de alteridade:  
tentar ver o mundo de um ponto de vista externo à nossa  
tradição internalizada. Por outro, é um caminho, um jeito  
de ser, uma atitude frente à vida.

## PRATIQUE NESTAS SELEÇÕES!

### FAÇA E ENVIE SEUS HAICUS!

Até o dia **30.08.15**, quigos Beija-flor, Bem-te-vi, Catavento, Girino, Granizo, Ipê, Névoa, Pipa, Rã.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Rua Des. do Vale 914, Ap 82.  
05010-040 - São Paulo/SP

ou [mfmendez@superig.com.br](mailto:mfmendez@superig.com.br)

Por isso não gosto de haikus especiosos, em que a metáfora  
ou jogo de palavras ou os conceitos fiquem centro da  
atenção. O essencial é o registro limpo de uma sensação  
ou percepção. Isso é o que acho que o haicu tem de  
diferente. Creio que com isso ele pode contribuir, trazendo

que deixa de dizer, pelo que se recusa a continuar dizendo.

Leia este texto completo em  
**FS9810, Seleções em Folha OUT/98.**

## HAICUS BRASILEIROS



TEMAS DE IN



VERNO (QUIDAI)



Chuviscar de inverno.  
Molhar não molha ninguém,  
rio secando...

Agostinho J. G. de Souza

Chuvisco de inverno.  
Nos folguedos das crianças,  
bolinho de chuva.

Angela Togeiro Ferreira

Inseto danado,  
çoça... çoça sem parar.  
Carrapato-pólvora.

Cecy Tupinambá Ulhôa

Sob céu de inverno,  
caminhando pelo parque.  
Passo a passo.

Flávia Ferreira

O ipê florido  
e um fraco sol na praça,  
na manhã. Passantes.

Manoel Fernandez

Pela pedra nua  
ainda se vê sinais  
da cascata seca.

Regina Célia de Andrade

Desfile de modas,  
cachecol encantador,  
deslumbra modelo.

Ailson Cardoso de Oliveira

Na curva da estrada,  
o esquife de criancinha.  
Flores de ipê-roxo.

Angelica Villela Santos

A mulher morena  
andando na chuva fria  
se enrola no xale.

Denise Cataldi

Dia tristonho.  
Chuvisco de inverno  
horas molhadas.

Flávio Henrique Velasco

Aquecida a avó,  
tricotando seu casaco,  
com xale nos ombros.

Maria App. Picanço Goulart

Um cheiro de açúcar  
se espalhando pelo ar  
colheita de cana.

Renata Paccola

No meio do vento  
velhos xales das vovós  
balançando as franjas.

Alba Christina

Passeio de barca -  
a menina agasalhada  
com pulôver branco.

Antônio Seixas

Colonos alegres,  
pródiga natureza:  
colheita de cana.

Djalda Winter Santos

Céu azul de inverno.  
A limpidez se aprofunda  
ainda mais, no vale...

Iraí Verdan

Tão baudo, tão denso  
que ilude poder tocá-lo.  
Céu de inverno.

Maria Mello

Manhã hibernal.  
Sai fumaça pela boca  
de um ás com pulôver.

Roberto Resende Vilela

No varal, dançando,  
seca o xale da vovó  
que o espreguiça ansiosa.

Amália Marie Gerda

No dia nublado  
o sol demora a nascer  
sob um céu de inverno.

Argemira F. Marcondes

Lindura aumentou  
com branco xale de lã  
que avó tricou.

Fernando Soares

Muito chato o carrapato  
-pólvora que só perturba.  
Inferno de Dante.

Jorge Picanço Siqueira

No verde das serras,  
ipês em meio a floresta.  
Os roxos destacam.

Nadyr Leme Ganzert

Na manhã de inverno  
entre o homens estão cada vez mais altos.  
Que pena: poluição!

Suely da Silva Mendonça

Enfeites na rua.  
Debaixo de um céu azul,  
florido ipê-roxo.

Analice Feitosa de Lima

Do fundos das gavetas  
o pai surge de repente  
pulôver azul.

Carlos Roque Barbosa de Jesus

Em meio ao desânimo,  
de calor vem a explosão.  
Um chá de ipê roxo!

Fernando Vasconcelos

Flores violáceas  
frutos silíquas compridas  
ipê-roxo cresce.

Manoel A. do Nascimento Jr.

Na mata, silêncio,  
cheiro de podre no ar...  
Cascata seca.

Neuza Pommer

Céu de inverno  
raios de sol escaldante  
cortam o ar gélido.

Wladia Viviani

## M A I S Q U E M I L P A L A V R A S ?

O Estado de São Paulo 06.09.15, Caderno Aliás E 1 a 3.

A imagem do bebê sírio que morreu afogado  
na travessia entre a Turquia e a Grécia  
impactou o planeta. Duas vezes vindas da  
França, em cujas fronteiras também bate  
forte o fluxo migratório, dão suas versões  
para o choque. O brasileiro **Gabriel**

**Zacarias**, doutor em Estudos Culturais pela  
Universidade de Perpignan, entende que a  
força da foto de Aylan está menos no que  
revela, e mais no que oculta: o fato de a  
criança ser curda.  
"Como o disfarça de garoto ocidental, a ima-

gem nos fala muito mais da dor genérica da  
morte, do medo da perda de um filho, do  
que da devastadora experiência da guerra."  
Já o filósofo francês **Fancis Wolff**, da Escola  
Normal Superior de Paris, entende que o  
bebê não só encarnou a fragilidade como a

solidão. E ainda tingiu o mundo de vergo-  
nha. "Enquanto as mercadorias cruzam as  
fronteiras com extrema facilidade, os muros  
entre o homens estão cada vez mais altos."  
Eis o paradoxo. Eis a insegurança. Eis o  
cinismo da humanidade.

## O Q U E N Ã O V I M O S

Gabriel Zacarias, O Estado de São Paulo 06.09.15, Caderno Aliás E 1 a 3.

Força da foto que chocou o mundo está no  
que ela oculta: Aylan era curdo e morreu  
porque era curdo

Qual força possui a imagem do sofrimento  
alheio? Mostrar o horror seria mesmo  
o mais adequado para impedir que ele se

repita? Polemica antiga, presente ao menos  
desde que a fotografia passou a documentar  
os campos de batalha, e que foi repertoriada  
com muito talento pela ensaísta americana  
Susan Sontag no último livro que publicou  
antes de falecer, *Diante da Dor dos Outros*,  
de 2003. Motivada em parte pelo escândalo

das fotos de iraquianos torturados nas  
prisões de Abu Ghraib, fotos divulgadas  
pelos próprios soldados americanos, Sontag  
se mostrou à época bastante cética quanto a  
qualquer possibilidade emancipadora da  
imagem fotográfica. Posição mais  
esperançosa demonstraram aqueles que

sustentaram, nos últimos dias, a  
importância de se divulgar a fotografia de  
Aylan Kurdi, 3 anos, encontrado morto na  
praia de Bodrum, na Turquia. Difundida  
pela agência Reuters, a fotografia estampou  
as capas de alguns dos principais jornais do  
mundo, e se alastrou pelas redes Sociais.

Logo se seguiu uma viva polêmica sobre a pertinência ou não da publicação, julgada por alguns demasiadamente ofensiva. A aparente polarização elide o fato de que uma mesma premissa subjaz às argumentações de ambos, implícita e não questionada. Quer os que são a favor; quer os que são contra a publicação da imagem partem do pressuposto de que a fotografia mostra algo em excesso. Para os que se opõem, trata-se de uma exposição obscena da morte alheia – obscenidade acrescida por se tratar de uma criança. Os que defendem a publicação insistem na necessidade de mostrar a realidade, por mais dura que seja. Em comum acordo quanto ao caráter revelador da imagem, ambas as posições erram o alvo. A força da imagem, como tentarei argumentar não está naquilo que ela revela, mas naquilo que ela oculta.

O que vemos, de fato, na fotografia divulgada essa semana pela agência Reuters? A imagem mostra uma criança pequena caída de bruços à beira do mar, enquanto um homem uniformizado, de costas para a câmera, parece tomar notas. O rosto da criança é muito pouco perceptível, enquanto o do homem é praticamente invisível. Não é difícil perceber que se trata de uma criança morta e de um policial que registra o ocorrido. Porém, que se trate de uma criança curda refugiada, que percebeu na tentativa de atravessar a fronteira turca com a Grécia, essa já não é uma informação contida na imagem, e que pode apenas se tornar conhecida por outros meios. Isso não altera em nada o efeito de choque da imagem, que não depende de seu contexto. Pelo contrário, a força da fotografia está, em grande parte, ligada a seu caráter genérico, no sentido forte da palavra, isto é, não apenas genérico enquanto pouco definido, mas genérico na acepção que se dava a essa palavra em filosofia, enquanto “essência genérica”, ou seja, aquilo que remete ao gênero humano.

A imagem do garoto caído à beira-mar evoca, em primeiro lugar, a dor da perda de uma criança, morte que é sempre sentida como mais injusta. Em consequência, evoca também a empatia com a perda

de um filho, sentimento que é fortalecido particularmente pela posição na qual se encontra a criança, uma posição em que bebês comumente dormem. É difícil imaginar um pai ou uma mãe que possam ficar impassíveis diante dessa foto, que deixem de associar a imagem com a lembrança de seu próprio filho dormindo de bruços no berço. Muitas pessoas, incomodadas com a divulgação da imagem, mas sensibilizadas pelo fato, preferiram compartilhar nas redes sociais uma ilustração que se sintetizava de maneira clara essa identificação: nela víamos o garoto curdo representado na mesma posição da foto, só que deitado em um berço.

O fato de que o rosto do garoto não estivesse visível na foto é um dado fundamental para compreender sua eficácia, pois torna a identificação tanto mais fácil. Se nela víssimos um garoto de traços étnicos específicos, uma parte do público já não mais se identificaria com ela – sobretudo porque o garoto não era caucasiano. Pode-se questionar se o europeu, principal público visado pela foto, teria nesse caso demonstrado a mesma comoção, ou se teria reagido da mesma forma caso o garoto estivesse trajado com uma indumentária típica de uma etnia não “ocidental” – como tantas outras crianças que perecem periodicamente em tentativas de travessia do mesmo mar Mediterrâneo, e cujas fotos não chegam à primeira página dos jornais.

Vemos, assim, que a própria noção de gênero humano comporta já implicitamente uma hierarquia, a empatia sendo proporcionalmente maior para com aqueles que são “como nós” do que para com aqueles que são diferentes. O que importa aqui, porém, não é fazer uma acusação de hipocrisia. Pretendo apenas sublinhar o quanto a força da imagem está relacionada à sua falta de especificidade, o que vai na contramão da argumentação padrão daqueles que, ao longo dos últimos dias, defenderam a publicação da fotografia. Para estes, seria fundamental divulgar a imagem por sua força de revelação: ela diria a ver uma realidade desconhecida, ou mesmo ocultada.

Essa argumentação reavivou alguns dos mais antigos lugares-comuns acerca da fotografia. O primeiro é aquele concentrado no adágio de que “uma imagem vale mais

que mil palavras”. Assim, tudo o que havia sido escrito até então sobre a crise dos refugiados foi considerado inócuo se comparado a essa imagem, tida como muito mais significativa do que as frias estatísticas. Mas é necessário frisar essa palavra: as imagens são, de fato, significativas; e os significados que elas veiculam dependem da interação de seus elementos, bem como de seu contexto. Apesar dessa evidência, no debate público parece predominar ainda a velha crença na imagem como revelação.

O que essa imagem mostra, porém, é justamente o contrário. Se ela tem de fato uma capacidade, maior do que a dos textos e das estatísticas, de mobilizar o público leitor em torno do drama dos refugiados sírios, tal não se deve àquilo que ela revela, mas sim àquilo que ela oculta. Ela não é uma “imagem forte” no sentido em que se emprega essa expressão no senso comum. Ao contrário do que afirmam aqueles que se opõem à publicação da foto, ela não é uma imagem explícita. Tantas fotos muito mais explícitas de crianças vítimas do conflito sírio circulam na imprensa e nas redes sociais desde que esse começou, sem lograr, contudo, o mesmo impacto.

Portanto, insisto, a fotografia que tomou as capas dos jornais tira uma força justamente daquilo que ela oculta. Ela oculta o específico. Ela oculta o fato de que aquele garoto é curdo. Ela oculta o fato de que Aylan morreu porque era curdo.

Aqueles que defendem a divulgação da foto com a nobre intenção de mobilizar as pessoas em torno do drama vivido na Síria parecem não perceber esse lado perverso. A imagem funciona como instrumento de propaganda – mesmo que para uma boa causa – precisamente porque esvazia a biografia de Aylan, porque a disfarça de garoto ocidental. A contradição é justamente que, se Aylan fosse ocidental, não teria morrido na travessia. Cai assim também outro lugar-comum bastante presente na argumentação dos que sustentaram a difusão da fotografia, e que postula seu valor epistemológico. A fotografia seria um meio de conhecimento, ela permitiria as pessoas conhecer uma realidade que ignoram ou que não podem compreender devidamente apenas com textos e estatísticas.

Entretanto, como vimos, a fotografia é extremamente pobre em informações. Se

O pai, Abdullah Kurdi perdeu também o outro filho, de 5 anos, e a mulher.

dependêsemos apenas da imagem, não saberíamos quase nada sobre o ocorrido, e muito menos sobre a situação calamitosa na Síria. Não saberíamos que a família de Aylan Kurdi fugiu de Kobani, cidade síria romana pelo Estado Islâmico antes de ser reconquistada pelo YPG, a milícia popular ligada ao Partido Trabalhista Curdo (PKK). Nem saberíamos que o YPG, que se provava até então o mais eficaz inimigo do Estado Islâmico na região, está agora sendo bombardeado pelo exército turco do primeiro ministro Recep Erdogan, que, pretendendo-se um aliado do Ocidente na luta contra o Estado Islâmico, aproveita-se para, com o aval da Casa Branca, despejar mais uma vez suas bombas sobre os curdos.

Todas essas questões são conhecidas e, não obstante, não logram mobilizar a opinião pública da mesma forma que a foto de Aylan. É preciso, contudo, evitar a crença um tanto ingênua, de que esse sucesso se deva a uma força intrínseca da fotografia, à sua capacidade superior de revelar a verdade, e encerrar o lado menos nobre dessa mobilização. A comoção em torno da foto não se compreende se não atentarmos para o terrível esvaziamento que ela opera da alteridade de Aylan. Com efeito, Sontag propunha, no livro já citado, que as imagens atrozes comunicam pouco, justamente porque aqueles que as veem, não tendo vivido experiências atrozes, não podem compreender integralmente aquilo que elas representam.

Aquela imagem talvez nos fale mais da dor genérica da morte que da devastadora experiência da guerra

Se a fotografia de Aylan Kurdi é tão provocadora e parece dizer tanto, talvez seja porque, na verdade, ela nos fale simplesmente da dor genérica da morte, do medo da perda de um filho, sem que por isso possa comunicar a devastadora experiência da guerra.

Menino, venha pra dentro, olhe o sereno! Vá lavar essa mão. Já escovou os dentes? Tome a bênção a seu pai. Já pra cama!

Onde é que aprendeu isso, menino? coisa mais feia. Tome modos. Hoje você fica sem sobremesa. Onde é que você estava? Agora chega, menino, tenha santa paciência.

De quem você gosta mais, do papai ou da mamãe? Isso, assim que eu gosto: menino educado, obediente. Está vendendo? É só a gente falar. Desça daí, menino! Me prega cada susto... Pare com isso! Jogue isso fora. Uma boa surra dava jeito nisso. Que é que você andou arranjando? Quem lhe ensinou esses modos? Passe pra dentro. Isso não é gente para ficar andando com você.

Avise a seu pai que o jantar está na mesa. Você prometeu, tem de cumprir. Que é que você vai ser quando crescer? Não,

chega: você já repetiu duas vezes. Por que você está quieto aí? Alguma você está tramando... Não ande descalço, já disse! Vá calçar o sapato. Já tomou o remédio? Tem de comer tudo: você acaba virando um palito. Quantas vezes já lhe disse para não mexer aqui? Esse barulho, menino! seu pai está dormindo. Pare com essa correria dentro de casa, vá brincar lá fora. Você vai acabar caindo daí. Peça licença a seu pai primeiro. Isso é maneira de responder a sua irmã? Se não fizer, fica de castigo. Segure o garfo direito. Ponha a camisa pra dentro da calça. Fica perguntando, tudo você quer saber! Isso é conversa de gente grande. Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto. Depois.

Agora deixa seu pai descansar – ele está cansado, trabalhou o dia todo. Você precisa ser muito bonzinho com ele, meu filho. Ele gosta

Fernando Sabino: Menino, Elenco de cronistas modernos, 19ª Edição 2003, José Olympio Editora.

– O mundo parece chato, mas eu sei que não é.

– ...  
– Sabe por que parece chato? Porque, sempre que a gente olha, o céu está em cima, nunca esta embaixo, nunca está de lado. Eu sei que o mundo é redondo porque disseram, mas só ia parecer redondo se a gente olhasse e às vezes o céu estivesse lá embaixo. Eu sei que é redondo, mas para mim é chato, mas Ronaldo só sabe que o mundo é redondo, para ele não parece chato.

– ...  
– Porque eu estive em muitos países e vi que nos Estados Unidos o céu também é em

cima, por isso o mundo parecia todo reto para mim. Mas Ronaldo nunca saiu do Brasil e pode pensar que só aqui é que o céu é lá em cima, que nos outros lugares é embaixo ou do lado, e ele pode pensar que o mundo só é chato no Brasil, que nos outros lugares que ele não viu vai redondando. Quando dizem para ele, é só acreditar, pra ele nada precisa parecer. Você prefere prato fundo ou prato chato

– Chat... – raso, quer dizer.  
– Eu também. No fundo, parece que cabe mais, mas é só para o fundo, no chato cabe para os lados e a gente vê logo todo o que tem. Pepino não parece irrereal?  
– Irreal.

Clarice Lispector: Come, meu filho. Elenco de cronistas modernos, 19ª Edição 2003, José Olympio Editora.

Há uma época que não se diz nem se pensa nada; apenas sente-se e prova-se: a época em que o objeto de felicidade é a própria felicidade. Levantamo-nos com o sol e somos felizes, andamos e somos felizes, vemos nossa família e somos felizes..

Andamos pelas matas, pelos campos e colinas e somos felizes; lemos e descansamos ao sol e somos felizes, colhemos o fruto ou regamos os canteiros de flores e somos felizes; e a felicidade nos segue por todas as partes. Que época é esta? Na segurança da infância numa terra de

tanto de você. Tudo que ele faz é para o seu bem. Olhe aí, vestiu essa roupa agorinha mesmo, já esta toda suja. Fez seus deveres? Você vai chegar atrasado. Chora ao, filhinho, mamãe está aqui com você. Nosso Senhor não vai deixar doer mais.

Quando você for grande, você também vai poder. Já disse que não, e não, e não! Ah, é assim? Pois você vai ver só quando seu pai chegar. Não fale de boca cheia. Junte a comida no meio do prato. Por causa disso é preciso gritar? Seja homem. Você ainda é muito pequeno para saber essas coisas. Mamãe tem muito orgulho de você. Cale essa boca! Você precisa cortar esse cabelo.

Sorvete não pode, você está resfriado. Não sei como você tem coragem de fazer

– Por que você acha?  
– Se diz assim.  
– Não, por que é que você achou que pepino parece irrereal? Eu também. A gente olha e vê um pouco do outro lado, é cheio de desenho bem igual, é frio na boca, faz barulho de um pouco de vidro quando se mastiga. Você não acha que pepino parece inventado/  
– Parece.  
– Onde foi inventado feijão com arroz/  
– Aqui.  
– Na sorveteria Gatão, o sorvete é bom porque tem gosto igual da cor. Para você, carne tem gosto de carne?  
– As vezes.

assim com sua mãe. Se você comer agora, depois não janta. Assim você se machuca. Deixa de fita. Um menino desse tamanho, que é que os outros não de dizer? Você queria que fizessem o mesmo com você? Continua assim que eu lhe dou umas palmadas. Pensa que a gente tem dinheiro para jogar fora? Fome juízo, menino.

Ganhou agora mesmo e já acabou de quebrar. Que é que você vai querer no dia de seus anos? Agora não, que eu tenho o que fazer. Não fique triste não, depois mamãe dá doutro Você teve saudades de mim? Vou contar só mais uma, que está na hora de dormir. Agora dorme, filhinho. Dê um beijo aqui – Papai do Céu lhe abençoe. Este menino, meu Deus.

– Duvido! Só quero ver: da carne pendurada no açougue?  
– Não.  
– E nem da carne que a gente fala. Não tem gosto de quando você diz que carne tem vitamina.  
– Não fale tanto, come.  
– Mas você está olhando desse jeito para mim, mas não é para eu comer, é porque você está gostando muito de mim, adivinhei ou errei?  
– Adivinhou. Come, Paulinho.  
– Você só pensa nisso. Eu falei muito para você não pensar só em comida, mas você vai e não esquece.

apenas da fraqueza é que nasce o mal. E no entanto o homem inquieto verá estas palavras e dirá: “Aqui falta apenas do idílio de uma criança irrefletida. A infância é curta e poucos lugares têm plena segurança; a vida é muito diferente do quadro pintado por tal idealismo.”

A. C. Grayling. O Bem, Capítulo 1: 01 a 10, de O Bom Livro – Uma bíblia laica; Objetiva, 2011.